

OS CAMINHOS DE CONCEPÇÃO OU O AUTO DO MILAGRE DE NOSSA SENHORA DA CONCEPÇÃO DE ANGRA DOS REIS

Narciso Telles¹

Fazer uma breve apresentação da peça “*Os Caminhos de Concepção*” não é uma tarefa fácil. Para tanto, vasculhei nos espaços de minha memória o momento do encontro que originou este texto. Foi no ano de 1980, quando nós do Grupo Cutucurim participávamos do Festival de Teatro da FETAERJ em Campos e João Siqueira fazia parte da comissão julgadora. Neste evento João ministrou uma oficina de interpretação e a partir daí nos encontrávamos todos os anos, em festivais e oficinas de teatro pelo Brasil.

João passou a ser referencial de um projeto teatral popular e crítico do processo de exclusão social brasileiro. Sua trajetória como ator, diretor e dramaturgo não deixa dúvidas de que seu teatro tinha um compromisso social com o povo brasileiro. Durante os anos 70 participou da fundação do Grupo de teatro de animação Carreta. Após o Carreta, João fundou o Grupo Dia a Dia que, juntamente com os Grupos Tá na Rua, Revolucena e Guarda a Chave no Trombone, seria um dos principais Grupos do Estado do Rio de Janeiro com ativa atuação no Movimento de Teatro Independente.

Como dramaturgo recebeu diversos prêmios: em 1978 o Mambembe de dramaturgia pelo texto “*Maria e seus cinco filhos*”, o mesmo que no ano seguinte lhe daria o Golfinho de Ouro e o 1 lugar no II concurso de dramaturgia para teatro de bonecos do INACEN, com a peça “*Honório dos Anjos e dos Diabos*”. Do seu conjunto dramático, destacamos: “*Quanto mais gente souber melhor*”, “*Um homem sem documentos morreu atropelado na avenida*”, “*Palhaçadas*”, “*O Auto do Trabalhador*”, “*Help, Please! A fantasia não desgruda*” entre outros.

Em Angra, João ministrou oficinas e apresentou alguns de seus espetáculos nos Encontros de Teatro de Rua. Nesses constantes contatos surgiu o convite do Grupo Cutucurim para que ele escrevesse um texto para teatro de rua baseado na lenda de Nossa Senhora da Conceição. Este é o texto que ora apresentamos. Foram sucessivos debates...encontros...ensaios... para que a versão

¹ Ator e Professor do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia/UFU.

final ficasse pronta. E é o resultado desse encontro dionisíaco, que a Revista Ouvirouver brinda seus leitores. Nesta peça temas históricos como a escravidão, as capitânicas hereditárias se fundem ao exercício ficcional da arte teatral.

João Siqueira nos deixou em 1998....O Grupo Cutucurim no momento em que escrevo este texto encontra-se adormecido....mas o teatro de rua do João continua mais vivo e pulsante que nunca.

* * *

OS CAMINHOS DE CONCEPÇÃO OU O AUTO DO MILAGRE DE NOSSA SENHORA DA CONCEPÇÃO DE ANGRA DOS REIS

João Siqueira

(Atores chegam em algazarras vestidos de diabos, batendo pratos, percussão e soltando fogo.)

- DIABO 1 — Acá estamos nosotros afinal em Portugal!
DIABO 2 — La Espanha es que manda ahora nesta tierra! Y los portugueses, desdichados, abobados y retardados, están a esperar la revuelta de su rey Dom Sebastião para libertá-los!
DIABA — Sebastiónzito, el encoberto?! Jamás! Se murió mismo nel Marrocos. Cimitarra de guerrero moro degoló su cabecita! Ah!Ah!Ah! Su almita subió a los cielos!
DIABO 1 — Yo queria agarra-la para mi. Pero su almita pendia mais para arriba que para bajo!
DIABA — Tu foste o culpado, diabo atentado! Aquella almita já era quase minha!
DIABO 2 — Faremos de Portugal nostro reino infernal!

(ouve-se um canto distante que se aproxima.)

Prometi que um dia

Haveria de vir
Como rei ressuscitado
De Alcacer-Quibir
Africana batalha
Guerra santa/missão
Combate ao mouro infiel
Eu sou Dom Sebastião
Minha próxima façanha
Será livrar Portugal
Do usurpador Rei d’Espanha

- DIABO 2 — Estás a escuchar, endemoniada?!
- DIABA — Si, si! Parece voz de cristão!
- DIABO 1 — Ai que allá vem El Dom Sebastião, cavaleiro da Ordem Teutônica! Caçador de Mouros...e de diabos!
- DIABA — Proteja-nos maligno!
- DIABO 1 — Eu?! Que fiquem vocês dois aí, a beijar a cruz! Adiós, diablitos! Yo me voy a los infiernos!

(voz aproxima-se.)

Prometi que um dia
Haveria de vir
Como rei ressuscitado
De Alcacer-Quibir...

(Diabos saem em grande algazarra. Entra Dom Sebastião (boneco), caracterizado como cavaleiro das cruzadas.)

D. SEBASTIÃO — Mariana! Mariana!

(Dona Mariana entra com gestual que sugira sonho/pesadelo. Sotaque português.)

MARIANA — Jamais sairei de Portugal! A capitania de São Vicente que se dane! Que fiquem lá os silvículas. Tapuias, tupinambás, guaranis, macacos e jacarés. Eu fico aqui em Lisboa!

D. SEBASTIÃO — Mariana!

MARIANA — Ai que me peido toda! Esses pesadelos! De tanto comer caldo verde com bacalhau! Não bastasse os três diabos, agora essa alma penada!

D. SEBASTIÃO — Mariana!

- MARIANA — Que queres infeliz? Se deixastes dinheiro enterrado em panela de barro diga-me logo, que irei eu mesma lá desenterrar com minhas próprias mãos!
- D. SEBASTIÃO — Mariana!
- MARIANA — Mais respeito voz do além, que sou Dona Mariana de Souza Guerra, condessa de Vimieiros, tataraneta de Tomé de Souza e donatária perpétua para todo o sempre da Capitania Hereditária de São Vicente, registrada na Torre do Tombo e reconhecida por Dom Henrique, o navegador!
- D. SEBASTIÃO — Meu tio regente muito amado...Mariana!!
- MARIANA — Não te chegues alma penada!
- D. SEBASTIÃO — Não me reconheces?
- MARIANA — Ai que estou tendo visões! É Dom Sebastião, rei de Portugal e Algarves que retorna!

(Dona Mariana dança o vira.)

Lá em cima tinha
o vira, vira, vira
Cá embaixo tinha
o vira, virador...

- D. SEBASTIÃO — Deixa-te de assanhamentos que já estás em idade de não mais te virastes! Escuta!
- MARIANA — Sim, sim altezíssima!
- D. SEBASTIÃO — Isto é um sonho, estás sabendo! É um sonho!
- MARIANA — Oh! Queria tanto que fosse verdade, altezíssima!
- D. SEBASTIÃO — Mas não é! Presta atenção súdita minha!
- MARIANA — Ai, fale que sou toda ouvidos!
- D. SEBASTIÃO — Quando acordares...não acordes já, que te enfio-lhe umas porradas, pois poderá estragar tudo...
- MARIANA — Juro-vos D. Sebastiãozinho, nosso tão esperado rei que nos libertará da dominação espanhola, que não estou desperta, continuo a sonhares.
- D. SEBASTIÃO — Pois bem...para que eu volte algum dia para libertar Portugal do domínio Espanhol, terás de mandar aquela santinha que guardas na capelinha de tu quinta de Trás-dos-Montes, para a Igreja Matriz de Itanhaém, na Capitania Hereditária de São Vicente, da qual és herdeira perpétua para todo sempre!
- MARIANA — Mas aquela santinha é padroeira dos camponeses da região...

- D. SEBASTIÃO — Que se fodam os camponeses!! Há mais de mil santas que eles poderão eleger como sua padroeira: Santa Edivirges, Santa Helena, Santa Rita, Santa Leocádia, Santa Anastácia, Santa Isabel, Santa Gertrudes, Santa Cândida, Santa...
- MARIANA — Vai rezar a ladainha de todas as santas, altezíssima?!
- D. SEBASTIÃO — Não me interrompa!! Sant'anna, Santa Sofia, Santa Severina, Santa Leonor, Santa Aparecida, Santa Cláudia, Santa Madalena, Santa...
- MARIANA — Vais rezar a ladainha de todas as santas, altezíssima?!
- D. SEBASTIÃO — Não me interrompa que te tomo de volta a Capitania!

(D. Sebastião sai de cena recitando a ladainha.)

- D. SEBASTIÃO — Santa Terezinha, Santa Balbina, Santa Paula, Santa Felisberta, Santa...
- MARIANA — *(acordando)* Santa Carolina, Santa Aparícia, Santa Elizabete...Ai que já estou acordada! D. Sebastião! Meu reizinho! Volte para libertar Portugal da dominação espanhola...Ai! A ordem real de altezíssima! Já ia esquecendo. Joaquim! Joaquim!

(Entra serviçal português (boneco) com figurino contemporâneo.)

- JOAQUIM — Sim, Dona Mariana de Souza Guerra, Condessa de Vimieiros e donatária perpétua para todo o sempre da Capitania de São Vicente!
- MARIANA — Acrescente já, imediatamente, “o” tataraneta de Tomé de Souza!
- JOAQUIM — Perdões, desculpas, escusas e tataraneta de Tomé de Souza!
- MARIANA — Siga a todo o galope para Trás-dos-Montes e traga-me a santinha da capela de minha Quinta, já, neste instante, que será enviada para o Brasil!
- JOAQUIM — Mas...
- MARIANA — Já era para está de volta!

(Joaquim sai montado à cavalo e retorna com a Santa.)

- MARIANA — Demoraste muito. Coloque-a ali, bem na frente da nau-caravela.

(Ao som de música e dança, atores compõem uma caravela com panos e adere-

ços. Boneco faz timoneiro. Santa/atriz na proa. Vários bonecos sugerindo colonos.)

Minha barquinha dourada
Que rumos querem levar
Sei que estás ansiosa
Sentes saudades do mar
Remar, remar, remar
Remar, remar, remar

Nossa caravela
Veleja veleira
velejando os mares
Divínica missão
Para deixar a imagem
De Nossa Senhora
Na Igreja Matriz de Itanhaém
A santa é seguida
Por coros de anjos
Dizendo amém.
Ave, ave, ave Maria
Ave, ave, ave Maria

(Fusão com atabaques. Caravela atraca num porto africano. Cena com bonecos.)

COMANDANTE — Aqui é o porto de Benin?

REIAFRICANO — Sim, sim, sim!!

COMANDANTE — Nossa principal missão é deixar a santinha na Igreja Matriz de Itanhaém, da Capitania de São Vicente.

REIAFRICANO — Mas...não querem aproveitar a oportunidade?! (*mostrando os escravos*) Dentes fortes...gordos...

COMANDANTE — Vossa Majestade negra, Rei de Benin, quer o pagamento em espécies?

REIAFRICANO — São prisioneiros valiosos! Reis, príncipes, chefes guerreiros do Sudão. E sabem ler.

COMANDANTE — Quantos?

REIAFRICANO — Cem mil réis!

COMANDANTE — Perguntei quantos são, Majestade negra de Benin!

REIAFRICANO — Setenta e sete exatamente, entre jovens, mulheres e crianças!

COMANDANTE — Serve sacas de açúcar mascavo?

REIAFRICANO — Mas...açúcar de Portugal para o Brasil?

COMANDANTE — Para o comércio de Pernambuco, exatamente!

REIAFRICANO — Não entendo?!

COMANDANTE — E não é para entende. Moambas alfandegárias. Câmbio, negro! Tráfico! Aceitas?

REIAFRICANO — Mande descarregar.

(Enquanto atores descarregam da caravela adereços que sugerem sacas de açúcar, de direção oposta surgem bonecos escravos em direção à caravela. Durante todo o diálogo entre o Rei africano e o comandante a Santa, que é interpretada por uma atriz, censura com expressão facial a negociata.)

COMANDANTE — Içar velas!! Rumo às costas brasileiras, Itanhaém, capitania de São Vicente.

(Canto da Santa)
O homem escraviza o homem
Desde as mais remotas épocas
Vencidos — reprimidos
Vencedores — repressão
E hoje os navegadores
Traficam negras nações
Para o trabalho escravo
Das minas de Minas Gerais
Pernambucanos, paulistas,
Baianos, canaviais
No dia do juízo
Ao meu filho pedirei
Que condene ao fogo eterno
Todo aquele cristão
Que escraviza outro vivente
Por ser negro, índio, pagão
Ave, ave, ave Maria
Ave, ave, ave Maria

(Durante toda a cantiga da Santa a caravela balança como se estivesse navegando sobre águas tranqüilas. Mar agita-se)

COMANDANTE — Os ventos nos levam ao cabo da Boa Esperança. Mar das Tormentas!

VOZ 1 — Nosso destino é o Brasil...

COMANDANTE — Mudem a direção das velas!

VOZ 2—

Em vão! As águas agitam-se!!

(Caravela é envolvida por tempestade. Surgem dragões, serpente marinha e Iemanjá)

- IEMANJÁ — Axé, Maria!
SANTA — Iemanjá?!
IEMANJÁ — Rainha dos mares!
SANTA — E eu, Rainha dos céus!
IEMANJÁ — Que não nos vejam conversando! Já pensou o escândalo! Papas, bispos e jesuítas assistindo nossa conversa?
SANTA — Eu seria excomungada!
IEMANJÁ — E eu, esconjurada!
SANTA — Estou indo para a Matriz de Itanhaém.
IEMANJÁ — Eu sei! Mas antes a caravela se deixará levar à deriva. Mares da Índia...e ocorrerá um milagre.
SANTA — Milagre?! A milagreira aqui sou eu!
IEMANJÁ — Sim, sim, sim, Maria! Será você. No regresso das Índias. Quando a caravela se aproximar de Angra dos Reis...
SANTA — Meu destino é Itanhaém...
IEMANJÁ — Ouça, Maria! Nos meus mergulhares, por costas d'África marejei. Acompanhando à distância navios negreiros, can-tei. Um canto lamento em direção à América.
SANTA — Nos porões daqui também os há! Mais nunca concordei.
IEMANJÁ — Eu sei...há uma vila, que se forma em volta do Convento Carmelita. Para lá acorreram os moradores da Vila Velha dos Santos Reis Magos!
SANTA — Meus filhos devotos! Essa história também sei: por causa do padre. O bispo do Rio de Janeiro deixou de ordenar párocos por sete anos.
IEMANJÁ — Não sabes de tudo. Te contar um segredo. Olha, não espalha!
SANTA — Eu? Deus me livre! Conta, conta!
IEMANJÁ — Sabes por que mataram o tal padre?!
SANTA — Não...estava distraída lá em cima! Só sei que mataram.
IEMANJÁ — Pois é, foi mais ou menos assim. Lá por volta de 1617, em Vila Velha...

(Caravela se desfaz. Espaço vazio. Entra padre correndo atrás da mulher.)

- MULHER — Ai! É pecado seu vigário! Sou casada!
PADRE — Eu te absolvo, paroquiana! Vem...vem...

MULHER— Para onde?
 PADRE — Para a sacristia...
 MULHER— Atrás do altar do Senhor? Da divina eucaristia?
 PADRE — Na sacristia!!
 MULHER— Não! Não! Meu marido é ruim que é uma peste. E o adultério, padre, é condenado pela Bíblia.
 PADRE — Jesus não perdoou Madalena? Ai vamos minha cabritinha, que o tesão me atormenta!
 MULHER— Não posso, eu posso! Não quero, não quero. Quero sim. Ai, ai! Me abraça! Sai, sai sacrílego. Vem, vem paixão! Vai embora satanás. Se chegue meu anjo. Não, não. Desfaça....Deus há de perdoar... Para a sacristia....
 PADRE — Sim, sim! Para a sacristia.

(Os dois saem abraçados)

IEMANJÁ — Mas a história não ficou por aí não. A tal fudilância do padre com sua paroquiana, caiu nos ouvidos do próprio marido corneado, um abastado comerciante lá de Vila Velha dos Santos Reis Magos...

MARIDO — Padre! Padre!
 PADRE — *(de fora)* Quem é?
 MARIDO — Eu.
 PADRE — Eu quem?
 MARIDO — Eu.
 PADRE — À essas horas da noite?
 MARIDO — Foi preciso, padre! Minha esposa está agonizando. Necessita de extrema-unção.
 PADRE — *(aparecendo)* Quem é o senhor?
 MARIDO — Joaquim Borges de Almeida, seu paroquiano.
 PADRE — O senhor costuma vir a missa?
 MARIDO — Natal e Páscoa.
 PADRE — Frequente mais a igreja, meu filho! Reze! Reze! Para salvar a sua alma!
 MARIDO — Eu rezo, padre! Rezo muito! Podemos ir?
 PADRE — À cavalo?
 MARIDO — Canoa. Meu sítio fica do outro lado da baía.
 PADRE — Deixa-me apanhar a santa eucaristia.
 MARIDO — Deus a de lhe ajudar padre. O senhor é um santo. Exemplo de virtude. Lhe mandarei pela quaresma, um grande boi gordo.

PADRE — Não precisa meu filho. É minha obrigação socorrer meus paroquianos com os santos sacramentos.

(Os dois atores sugerem está sobre canoa. Marido rema)

MARIDO — Que bela noite.

PADRE — Muito mais belo é quem a criou.

MARIDO — Estrelas brilhantes!

PADRE — Juntinhas de Deus!

MARIDO — Lua cheia...

PADRE — Depois virá o sol...astro maior do universo de Nosso Senhor...

MARIDO — Bela noite...

PADRE — É...

MARIDO — Para alguém morrer.

PADRE — Para se viver, meu filho!

MARIDO — Para se morrer...Safado! Comedor de mulher alheia. Sacrílego, adúltero e capado, que já és!

(Marido simula capar o padre. A seguir desfecha-lhe golpes de arpão)

PADRE — Ai! Ai! Quero te ver no inferno comigo, maldito!

MARIDO — Se Deus quiser! Se Deus quiser!

(Cena se desfaz e retorna à caravela em alto mar)

IEMANJÁ — Do tal padre, só encontraram isso, Maria, boiando nas águas de Angra. *(Iemanjá mostra uma cueca samba-canção)*

SANTA — Intercederei a meu filho por ele, que era jovem e cheio de desejos.

IEMANJÁ — Adeus Maria! Até um dia!

SANTA — Adeus Iemanjá, até já!

COMANDANTE — Nos levam as maresias ao país das especiarias. Índia! Calicut! Belas princesas, ouro, jóias e riquezas.

(Som oriental. Caravela se desfaz e o espaço é ocupado por dramatização de “mercado persa”. Encantador de cobras, odalisca dançado, Aladim com sua lâmpada maravilhosa, vendedor de jóias O clima é de show. A seguir a caravela se recompõe)

COMANDANTE — Içar velas! Rumo às costas brasileiras, capitania de São

Vicente! Igreja Matriz de Itanhaém!
 VOZ 1 — Terra à vista!
 VOZ 2 — Já dá para se ver um convento com muitas casas em volta!
 SANTA — E uma cruz...a torre...é uma igreja!
 VOZ 3 — Tenho aqui um mapa. É Angra dos Reis. Recém povoada,
 os moradores vieram da Vila Velha!
 VOZ 1 — Passemos ao largo! Nosso destino é mais ao sul!

(Caravela veleja de início suavemente. Logo após rodopia, cai e é quase tragada pelas águas. Sonoplastia de tempestade)

VOZ 1 — Regressemos que ainda está em tempo!
 VOZ 2 — A caravela está avariada!
 VOZ 3 — Vazamento no casco!
 SANTA — Ave, ave, ave Maria.... Ave, ave, ave Maria....

(Caravela atraca e os atores sugerem estar restaurando velas, tombadilho etc...)

COMANDANTE — Içar velas!
 VOZ 1 — Adeus, povo de Angra! Obrigado pela ajuda!
 VOZ 2 — As casas, o convento, a igreja....já se distanciam... Sumiram!
 SANTA — Ave, ave, ave Maria.... Ave, ave, ave Maria....

(Caravela se movimenta em calmaria, para posteriormente agitar-se. Sonoplastia de tempestade)

VOZ 1 — Ai! O mastro partiu-se!
 VOZ 2 — Vamos naufragar!
 VOZ 3 — O tombadilho! Está tomado por água!
 SANTA — Os porões! Libertem os escravos! Ave, ave, ave Maria!
 IEMANJÁ — Venham comigo meus filhos! Para meu castelo no fundo do mar.
 VOZ 1 — Irão afogar-se!
 IEMANJÁ — Viverão felizes. Em liberdade. No meu castelo encantado.
 COMANDANTE — Regressemos a Angra!
 VOZ 1 — Não se enxerga um palmo à frente.
 VOZ 3 — Para lá timoneiro!
 SANTA — Ave, ave, ave Maria.... Ave, ave, ave Maria....
 VOZ 1 — Olhem! Luzes! Candieiros!
 VOZ 2 — O mar acalma-se!

VOZ 3 — Atracar!

(Atores novamente sugerem consertar a caravela avariada)

COMANDANTE — Içar velas! Rumo a Itanhaém para deixar a Santa!

VOZ 2 — Mais uma vez obrigado povo de Angra!

VOZ 3 — Desta vez não haverá necessidade de regresso.

VOZ 1 — A nau está restaurada!

(Caravela baila sobre águas calmas. A seguir agira-se ao som de tempestade. Rodopia e quase emborca)

VOZ 3 — Ai! Arrependimento! Por que não ficamos em Angra?

VOZ 1 — Agora é tarde. Estamos distantes!

COMANDANTE — Muitas milhas!

VOZ 2 — Naufragaremos!

SANTA — Regressemos! Não quero ir para Itanhaém. Angra é a minha eleita! Ave, ave, ave Maria.... Ave, ave, ave Maria....

VOZ 1 — Estamos agora mais próximos de Itanhaém!

VOZ 2 — Nunca chegaremos lá. Os três mastros racharam.

COMANDANTE — Tenho que cumprir as ordens de Dona Mariana de Souza Guerra, condessa de Vimieiros e donatária perpétua da capitania de São Vicente!

VOZ 3 — Já era! Vamos todos morrer afogados!

VOZ 2 — Ai! A caravela está afundando!

SANTA — Ventos! Tempestades! Acalmem-se! Estrelas, lua! Apareçam!

VOZ 1 — Milagre! Olhem! O céu ficou estrelado!

SANTA — Mastros! Reconstroam-se!

VOZ 3 — Luzes! Parece dia!

SANTA — Caravela, caravelinha. Barca, minha Barquinha! Navegue já para Angra que será sempre só minha.

COMANDANTE — Terra à vista!!

VOZ 1 — A torre! O convento! A cruz!

VOZ 2 — Que sol mais brilhante!

VOZ 3 — E cheiro de maresia!

VOZ 1 — Pescadores. Barcos ao nosso encontro.

VOZ 2 — Anzóis, redes, pescaria.

VOZ 3 — Procissão! Cantigas e alegria.

SANTA — Ave, ave, ave Maria.... Ave, ave, ave Maria.

(O espetáculo se encerra com a caravela puxando a assistência para uma procissão interativa)